

EXCLUSIVO

domingo
TABLÓIDE

3

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

DOMINGO, 31 DE OUTUBRO DE 1971

SEXO



A TERCEIRA GUERRA DA EUROPA

- 1 - COPENHAGUE, O PAIOL DA PORNOGRAFIA
- 2 - LONDRES, O EROTISMO EM RITMO POP
- 3 - PARIS, PURITANISMO PARA INGLÊS VER
- 4 - HAMBURGO, O HIPERMERCADO DO SEXO

IMPASSE ATÔMICO GERA EXPLOSÃO ERÓTICA NA EUROPA

No fim da Segunda Guerra Mundial, como no fim de toda guerra, uma onda de erotismo inundou a Europa, esgotada pela luta e cansada de violência.

Graças ao Plano Marshall, o Velho Mundo foi readquirindo sua antiga prosperidade, e os europeus foram ficando cada dia mais ricos e com maior disponibilidade para o ócio. O argent de poche voltava aos bolsos. A geração crescida durante a guerra só pensava em viver a vida.

Quem tinha tempo e dinheiro precisava encontrar sempre novos produtos de consumo, sobretudo no campo do erotismo. E um novo ciclo de crimes começou, com seus Al Capone, suas máfias, seus mafiosos. Drogas. Contrabando. Prostituição. E a sociedade teve que se organizar para proteger os costumes e salvar as instituições.

O que estava certo? O que estava errado? O impasse atômico tinha gerado a certeza de que não haveria mais guerra. Ou, se houvesse, seria a última. Isso era uma nova moral? O erotismo, principalmente, se organizava. Tinha seus santuários, suas peregrinações, seus fiéis. Mas, sobretudo, seus exploradores. Por outro lado, os excessos provocavam o tédio, esvaziando certos negócios, criando rivalidades entre mercadores, aguçando paixões.

Os diversos países tomaram providências. E, não havendo acordo entre as partes interessadas, começou a Terceira Guerra.

Os grandes repórteres italianos Alberto Ongaro e Gianfranco Moroldo, nas páginas que se seguem, dão aos leitores de **DOMINGO ILUSTRADO**, com exclusividade, um resumo dos fatos, com ampla documentação fotográfica.



A TERRA DE ANDERSEN É UMA FÁBULA

DINAMARCA VÊ COM FRIEZA GUERRA QUENTE DO SEXO

Depois que um ministro da Justiça liberal resolveu legalizar a pornografia na Dinamarca, Copenhague tornou-se a capital do sexo-show-distração. Países talvez mais conservadores, como Alemanha, França e Inglaterra, dão ao problema tratamentos os mais diversos. Mas nesses e noutros países, que ainda não chegaram ao estágio de civilização da terra de Andersen, o consumo de produtos pornográficos atinge níveis fantásticos, cabendo à Dinamarca o papel privilegiado de grande centro produtor.

A Dinamarca passou a ser também centro exportador de pornografia para os países onde ela é proibida, a partir do momento em que o governo dinamarquês liberou-a, em seu território. Atualmente, toneladas de material pornográfico, erótico, publicações sobre vida sexual, cruzam as fronteiras dinamarquesas e chegam, por vias clandestinas, à Inglaterra, Alemanha, Bélgica, França, Itália, Oriente Médio, Américas do Norte e do Sul.

Fizemos uma volta à Europa tentando descobrir quem faz e como se faz esse contrabando. Naturalmente, o ponto de partida foi Copenhague, que fornece aos contrabandistas do sexo seu material de trabalho. Em que consiste, exatamente, o mercado pornográfico dinamarquês? Como são criadas e prolongadas as redes de contrabando? Este é um diário ilustrado de tudo que vimos e apreendemos durante o tempo que passamos em Copenhague. Nosso diário se inicia 5 minutos após nossa chegada ao hotel, quando encontramos, ao lado de uma Bíblia, um pequeno livro: o **Sexionário** — um guia turístico da vida sexual na Dinamar-

ca, que traz os endereços dos clubes onde se pode assistir a um live show, números de telefones de agências de call-girls, etc.

O **Sexionário** é uma espécie de mapa pornográfico da capital dinamarquesa e traz uma carta aberta (talvez uma justificativa pela liberação do erotismo). Segundo a carta, "a pornografia na Dinamarca teve uma longa história em seus dias de clandestinidade, com sequestros, prisões, perseguições. As exigências sempre crescentes do público levaram um ministro da Justiça, muito realista, a pedir a legalização da pornografia..." E diz mais adiante: "... atualmente, a produção pornográfica se divide em duas correntes: a primeira faz filmes em que são expostos atos sexuais nus e crus; a segunda dá um toque artístico."

Brincamos: qual dessas duas correntes escolheríamos? Já escureceu, apesar de não serem ainda 3 da tarde. A dez minutos da rua onde fica nosso hotel, encontramos a primeira **porno shop**. Dois rapazes passam em frente à vitrina. Param um instante para uma espiada e vão em frente.

LIVE SHOW, LIVE SHOW, PORNO, SEX, MOVIE CLUB, SPECIAL FILM, PORNO FILM a rua está coalhada de anúncios luminosos. É Istedgade, onde há a maior concentração de **porno shops** de Copenhague. Gente apressada e friorenta passa pelas lojas sem olhar. Escolhemos uma casa e entramos. Há pouca gente lá dentro: dois homens por volta dos trinta, um velho com boné de ciclista e uma moça loura na bilheteria. Através de uma porta de vidro, vemos uma sala: muitas prateleiras e uma mesa. Um homem e uma mulher conversam alegremente, sentados à mesa. Perguntamos à moça loura: "São os patrões?" Ela responde que sim: "São os patrões: meu pai e minha mãe. Mas só falam dinamarquês. Se quiserem saber de alguma coisa, falem comigo. Meu nome é Kerstin."

Na rua, uma mulher grita em dinamarquês e em inglês. Compreendo um pouco do que diz: "Live Show, tonight." Perguntamos à loura quem grita: "É Ilse, uma amiga minha, está distribuindo folhetos do Royal Club, um lugar onde se pode ver show ao vivo. Sabem o que é isso? Um casal de jovens fazendo amor em público. A platéia é convidada a participar. Perguntamos se gosta do trabalho que faz: "Não, estudo pedagogia. Ano que vem, me formo. Não vejo a hora de abandonar esta bilheteria. Só ajudo meus pais. Nosso trabalho ainda é um tanto marginal, apesar de ser aceito pela sociedade. Evito sempre dizer que trabalho numa **porno shop**."

A INDÚSTRIA

Consulto o **Sexionário** e descubro os irmãos Theander, proprietários da editora que publica as revistas **Color Climax** e **Sex Orgies in Color**. Possuem uma companhia cinematográfica chamada **Rodox Trading Corporativo**. Pegamos um carro e vamos ao nº 13 da Rua Rodosvej. A sede da companhia é uma casa moderna, elegante e austera, com uma grande porta de vidro. Entramos.

Multidões de todos os países da Europa vão a Copenhague ver porno shows

EROTISMO ENRIQUECE MUITOS E COPENHAGUE É O CENTRO DO CONTRABANDO DO SEXO

A sala de espera está cheia de mesas, como nos escritórios de negócios. Há pilhas de revistas empacotadas. Sentada a uma escrivaninha, uma jovem secretária com ar austero, bate a máquina.

De repente, um jovem de 25 anos e barba roxa surge de dentro de uma pilha de revistas. "É o Senhor Theander?" "Exatamente — responde ele — e você quem são?" Nós nos apresentamos e começamos a conversar. O rapaz olha o relógio, sacode a cabeça: "Desculpe-me, mas havia combinado uma reunião com meu irmão para daqui a cinco minutos. Os senhores podem falar com minha secretária, meu braço-direito. Tudo o que eu lhes poderia dizer, ela lhes dirá."

Theander faz um sinal com a cabeça e a moça loura, alta, que

deveria ter por volta de 30 anos e possui um tremendo ar de eficiência, como as boas secretárias, vem até onde estamos. Começamos a conversar. Que faziam os Theander antes de se lançarem à pornografia? "Oh, fizeram de tudo um pouco: foram marinheiros, motoristas de táxi, consertaram telefone e chegaram às fotografias pornográficas, quando isso ainda era proibido. Agora são grandes industriais. As suas revistas se vendem às centenas de milhares e o mesmo acontece com os filmes. O mercado interno dinamarquês solicita muito o que fazemos e o mercado externo também. Recebemos os pedidos e atendemos pelo correio. A Rodox Trading Corporation assegura um serviço rápido e eficiente." "Vocês vendem até para contrabandistas?" A moça levantou a so-

brancelha: "Vendemos para todo mundo que quer comprar, seja qual for a quantidade. Se, depois, esse material for usado para contrabando, não temos nada com isso."

UM CLUBE PRIVADO

Birgid Rasmussen, a hostess do Private Club, o lugar pornô mais sofisticado da Dinamarca, nos recebe com um belo sorriso. "Bem-vindos ao Private Club." É uma belíssima mulher: alta, loira, com ar terno, requintado e familiar. Sua figura não se casa com o ambiente. Entramos no bar: uma grande sala retangular, elegantemente mobiliada, iluminada apenas por uma lâmpada. Ao lado, uma sala maior circular, cheia de divãs e poltronas macias. No meio da sala, um espaço livre destinado ao Live Show.

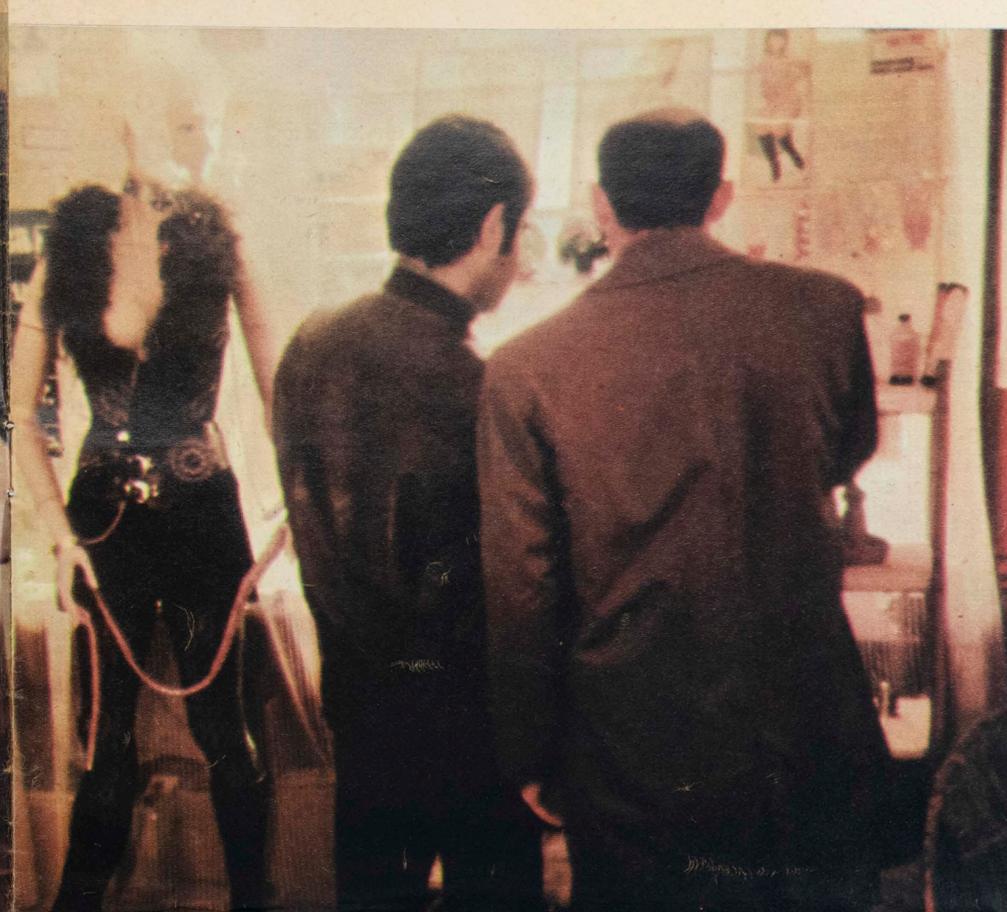
Teoricamente, o Private Club é reservado apenas aos sócios, mas na realidade é extremamente fácil entrar lá. Para nós, bastou consultar o Sexionário. Com um simples telefonema nos tornamos sócios honorários. Quem nos ajudou nisso foi Peter Huus, editor de um precioso livrinho vermelho, produtor de filmes pornôs, sócio de muitos clubes e guia espiritual do mundo pornográfico.

O clube está ficando cheio de gente. Os sócios chegam acompanhados de suas mulheres ou sozinhos. Ouve-se uma música erótica entremeada de suspiros e gemidos. Chega Peter Huus — um homem por volta dos 40 anos, barbudo. Está em companhia de outro homem barbudo, que deve andar pelos sessenta anos. É o seu advogado. Abraçamo-nos como membros de uma mesma mçonaria. "Vamos ao espetáculo — diz Huus — depois conversamos."

Na sala circular, duas moças belíssimas dançam. Luzes coloridas acendem e apagam sobre seus corpos seminus. Olham-se sorrindo, convidam-se como se atraídas uma pela outra. A atração entre elas parece apenas motivo de alegria e desejo, um terrível desejo que se tornou, num dado momento, intolerável, exigindo que elas tirassem as roupas apressadas, a fim de satisfazê-

lo. As duas moças estavam completamente nuas e davam um espetáculo de homossexualismo feminino completo e realista, sobre um colchão que aparecera, como por milagre, no centro da sala. Não havia improvisação. Os efeitos plásticos dos corpos rolando num leito de luzes coloridas era fantástico.

Depois, as moças deitaram-se exaustas sobre o leito. Uma delas se levantou, apoiada em um cotovelo, olhou para o público, que permanecia no escuro. A jovem sob o spotlight levanta e convida um homem a segui-la. O homem se retrai, tímido. A moça se dirige a outro, que também recusa, continuando sua busca pela fila de poltronas até que encontrou um jovem que ria como um louco. Ainda rindo, ele é levado até o leito, onde a outra moça o espera. Inicia-se um número a três. Depois outro a quatro. Há um pequeno intervalo, seguido de uma relação heterossexual detalhada, iluminada com requinte, para que produzisse o mesmo efeito de uma cena cinematográfica.



UM PERSONAGEM IMPORTANTE

É meia noite. Os números de Live Show acabaram. O público começa a sair. Conversamos com Peter Huus e seu advogado. Huus disse que era "um homem comum e se tornou um personagem importante" depois da lei que liberou a pornografia. Quando ainda era um homem comum dirigia uma pequena firma de importação-exportação. A lei transformou sua pequena firma num instrumento poderoso de produção e exportação de material pornográfico: filmes, revistas, objetos eróticos. Huus recebe, por mês, uma média de cem a cento e cinquenta pedidos, de todas as partes do mundo, e a todos atende.

Os lucros são imensos, confessa Huus (que ainda não está acostumado ao seu novo status). Por exemplo: ele e seu cinematografista fizeram um filme de 25 metros, que começou à meia-noite e 15. As 6 da manhã estava pronto. "Pagamos cinco mil liras à moça e oito mil liras a cada um dos homens (eram dois). Tiramos

umas dez mil cópias desse filme, que foram vendidas à razão de vinte mil liras cada uma. Com uma única venda pagamos todos os custos da produção. E isso porque os atores pediram muito dinheiro. Geralmente, a mão-de-obra custa muito pouco. E trata-se de uma mão-de-obra espontânea: hoje mesmo, fomos procurados por rapazes e moças que se ofereciam como atores ou modelos para fotos pornográficas.

Para Peter Huus, o governo liberou a pornografia porque os delitos sexuais, em seu país, eram numerosíssimos: crianças e mulheres estupradas, casos de sadismo. Tentou-se verificar se a liberação da pornografia baixava o índice de crimes sexuais. E, ao que tudo indica, a medida teve mais êxito do que se esperava: os delitos diminuiram de forma inacreditável. Sendo assim, para ele a pornografia tem um papel positivo. Também foi uma porta de saída para a permanente crise econômica em que vivia o país e que se deve, principalmente, ao baixo índice de produtividade e ao alto custo da assistência social,

que, na Dinamarca, é uma das melhores do mundo. Como o estado precisava de dinheiro, de novas fontes de renda, o negócio da pornografia veio a calhar. Assim, foram dados incentivos à nova indústria nos planos nacional e internacional.

Atualmente, há trezentas companhias nesse ramo de negócios. O mercado interno é de 20 bilhões de liras. O mercado externo (principalmente com países onde a pornografia é ilegal) movimentou 60 bilhões de liras. É um bom negócio para todo mundo. Principalmente para os contrabandistas que colocam o material em países onde as leis proíbem a pornografia. Se, na Dinamarca, um filme de 30 metros custa 20 mil liras; na Itália, França e Inglaterra, seu preço será de 60 mil liras. Uma revista vendida em Copenhague por 1.600 liras, será vendida no exterior, por 5 mil liras. Isto sem falar nos objetos eróticos, que não têm preço. Huus reconhece que a Dinamarca tornou-se o centro do contrabando do sexo.

"Mas que culpa temos nós? Os contrabandistas são simples

As vitrinas das lojas e o interior dos clubes pornôs são uma festa.

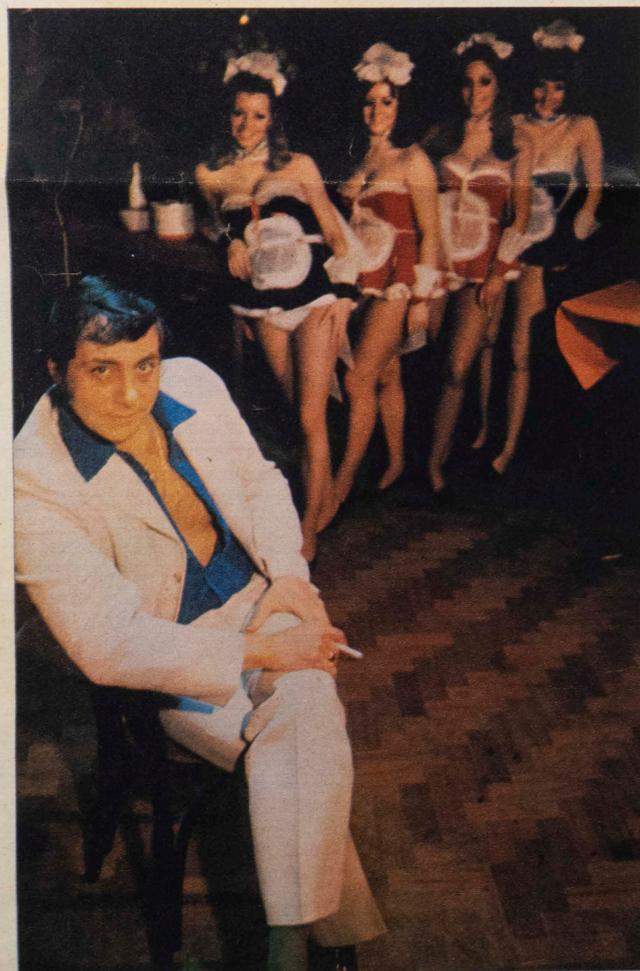


fregueses, grandes fregueses e nós os respeitamos."

"Alguns agem em cadeia: são muitos. Têm condução, representantes, caminhões, barcos, aviões. Entre eles, há estrangeiros e há dinamarqueses. Os contrabandistas italianos, antigamente, eram negociantes de malhas, que percorriam a Europa do Norte vendendo seus produtos."

Os contrabandistas dinamarqueses atuam de outra forma. Criaram companhias que exportam, para a América e Inglaterra, queijo, salame, cerâmica, etc... As caixas onde vão esses produtos têm fundo falso, onde é colocado o material pornográfico: filmes e revistas. Recentemente, a polícia americana apreendeu material pornográfico, acondicionado nos caixotes com objetos de cerâmica. Os americanos pediram a colaboração da polícia dinamarquesa, mas esta não pode colaborar, pois o material é legal na Dinamarca.

Agora, que já conhecemos a capital da pornografia, passemos à Inglaterra, onde a maneira de encerrar o problema é diferente, talvez mais puritana. Em todo caso, comercial, como compete a esse país.



O contrabandista é peça importante na máquina do erotismo e sabe disso.

ERA
VITORIANA, JÁ ERA
MESMO

LIVRE DO IMPÉRIO, INGLATERRA PARTE PARA OUTRA

Londres — Fracassou a tentativa de falar com um dos agentes da Scotland Yard, responsáveis pelo setor de contrabando de material pornográfico. Três dias após nossa chegada, encontramos no hotel uma carta, onde a Scotland Yard dizia não ter nada a dizer sobre o assunto, terminando por nos desejar melhor sorte em outras fontes. Recorremos, então, às fontes extra-oficiais: donos de restaurantes, gerentes de bares e clubes noturnos, em Soho e Piccadilly, ou nas ruas laterais da Romily Street e Tottenham Court Road; e às redações de jornais. Assim, descobrimos muitas coisas sobre o contrabando pornô, na Inglaterra, país que está na vanguarda da revolução dos costumes.

Os grego-cipriotas e malteses dominam o comércio pornô, sob a liderança de um homem de dois metros de altura, o Big Jeff. O mercado foi conquistado à força, como nos conta um inglês de 30 anos, que perdeu dois dentes nas batalhas entre contrabandistas. O rapaz, que chamaremos de Frank, disse que os cipriotas e malteses sempre dominaram o setor do strip-tease, da prostituição e da venda a varejo de material pornô, cuja sede está em Soho. Com a liberação da pornografia na Dinamarca, foram eles os padronizadores do mercado clandestino, os criadores de redes entre Londres e Copenhague.

Basta alguns passos pela Rupert Street, Old Compton Street e Wardour Street para se encontrar os cinemas pornôs, os clubes de strip-tease e as casas semiclandestinas, onde se vendem revistas sexy não censuradas e filmes e publicações fora da lei, importados da Dinamarca ou produzidos na Inglaterra. Há casos isolados de viajantes que trazem material dinamarquês e de fotógrafos ingleses que usam a matéria-prima local, mas a maioria dos estabelecimentos pertence aos cipriotas e malteses, senhores absolutos do negócio da pornografia, liderados por Big Jeff, figura das mais misteriosas.

Gerard Kemp, jornalista do Sunday Telegraph, contou-nos que, no dia 9 de dezembro de 1970, a polícia da cidade belga de Namur foi avisada da presença de um avião não identificado pela estação de radar. A polícia terminou por localizar um Miles Messenger, que acabara de aterrissar em Erpent. Os ocupantes eram dois: o fotógrafo inglês Dennis Ramsey e o piloto civil John Howe, célebre, na Inglaterra, por suas proezas aéreas. John explicou à polícia que tinham sido obrigados a uma aterrissagem de emergência, na Bélgica, devido ao mau tempo. Disse que seguiriam para a Inglaterra assim que as condições melhorassem e pediu consentimento para permanência no país.

Os policiais concordaram, mas quiseram dar uma olhada no aparelho. Na busca, encontraram 777 filmes pornográficos dinamarqueses. Os dois ingleses foram levados à sede da polícia de Namur e interrogados. Confessaram suas atividades de contrabandistas: os filmes deveriam ser lançados ao mar, perto do litoral inglês, onde um barco os pegaria. Ficaram detidos, à disposição da polícia.

VISITA INESPERADA

Durante o processo, receberam uma visita inesperada: um gigante de mais de dois metros, elegante, cabelos negros já meio grisalhos nas têmporas. Seu nome: Harry Carpos. Profissão: florista. Residência: Londres. Nacionalidade: grego-cipriota. Harry declarou conhecer os dois presos e botar a mão no fogo por eles. Eram dois ótimos rapazes, que se deixaram envolver pelo negócio do contrabando. Depois se ofereceu para pagar a fiança. Por simples rotina da profissão, um policial resolveu dar uma olhada na lista de pessoas procuradas. Lá estava Harry, acusado de contrabandear drogas e material pornô, além de liderar uma organização especializada em imigração clandestina, na Europa.



Carpos foi preso na hora. Seria ele o Big Jeff? Mas se fosse, como conseguia manobrar seus homens a distância, coisa das mais difíceis. Há dois pontos comuns entre Carpos e Jeff: a altura e a nacionalidade. Inicialmente, Carpos se dedicava apenas à imigração clandestina. Para isso, tinha barcos e aviões, que levavam à Inglaterra centenas de pessoas por ano. Mas, desde 1968, a polícia desconfiava que, devido aos perigos sempre crescentes dessa atividade, Carpos tinha mudado de atividade, dedicando-se ao contrabando pornô, aproveitando, assim, homens e meios de transporte.

Gerard Kemp nos contou que, na Inglaterra, como na Alemanha, a procura de material pornô vem de todas as classes sociais. Na alta burguesia dá um tom sofisticado, ter-se uma cinemateca pornô em casa. Nos clubes fechados e nas reuniões elegantes, a pornografia é a moda e já se diz: "Vamos à casa de Fulano ver

um filmezinho pornô, com Glória Mammal no papel principal."

A curiosidade, a sexualidade reprimida, a permissive society e... a sofisticação abriram as portas para o mercado da pornografia. Na apresentação dos filmes há títulos e nomes de atores, obviamente falsos (e intraduzíveis). Surgem categorias hollywoodianas: divas, stars, starlets, coadjuvantes. Como já havíamos descoberto em Copenhague, não são os modelos, nem as call-girls, nem as prostitutas as grandes estrelas dos filmes pornôs. Aliás, as prostitutas profissionais consideram a indústria de material pornô das mais indecentes e degradantes. As estrelas pornôs são diletantes, estudantes, jovens mulheres casadas.

SUPERMERCADO DO SEXO

Na Inglaterra, há uma indústria legal do sexo que per-



Em Hyde Park ainda se podem ver pregadores. Mas o país se livra do puritanismo.



tence, como em Hamburgo, a uma mulher: Ann Summers. Com 29 anos, secretária diplomada, educada em colégio de freiras, solteira, bela e riquíssima, não deixa de ser uma criatura de Beate Uhse, a rainha do sexo na Alemanha. Foi depois de um encontro com Beate que Ann resolveu dedicar-se à indústria do sexo, com o objetivo de melhorar o relacionamento sexual dos ingleses. Sua indústria não é tão espetacular quanto a de Beate, mas cresce aos saltos. Por enquanto, possui apenas uma loja, no centro de Londres, na Edware Road, mas há um plano de expansão de 50 lojas, a primeira das quais ficará perto de Birmingham e será um supermercado do sexo. Mas não será uma porno shop do tipo dinamarquês. Ann venderá produtos químicos: pílulas energéticas, cremes estimulantes, cremes para homens e mulheres, loções para aumentar o prazer sexual. E está certa de que terá sucesso.

Bob Guccione é outro industrial do sexo legal, concorrente do americano Hugh Hefner e do seu Playboy. Guccione edita Penthouse Magazine e tem as Penthouse Pets, rivais inglesas das Playmates (as coelhinhas) de Hefner. Bob sente-se muito forte para ser ameaçado pela pornografia ilegal: "Sobreviverei à onda pornô, que morrerá sufocada pelo mau gosto. Meu setor é o erotismo." Num domingo, compramos um jornal e encontramos um artigo intitulado "Tome Vergonha, Senhor Shakespeare". Esse Shakespeare chama-se Ernest e é fotógrafo, membro da Royal Photographic Society. O jornal acusava-o de ser um dos principais produtores de material pornográfico e de alugar seu estúdio (com máquinas e atores) aos interessados em produzir filmes pornôs. A lei inglesa é bastante contraditória: Ernest Shakespeare não foi preso, embora seja proibido vender ou comprar material pornográfico.

PORNÔ MADE IN ENGLAND

Recentemente foram presos dois irmãos — David e Raymond La Plant — em Manchester, quando vendiam revistas pornográficas. Durante o processo a que responderam, tentaram convencer o juiz de que o seu trabalho era como outro qualquer, e que atendia a exigências urgentes da população. O magistrado não se convenceu e os fez pagar uma multa de 50 libras esterlinas. Depois, mandou-os embora. Os dois voltaram ao seu negócio e um policial os seguiu por simples curiosidade. Chegando ao local de trabalho dos irmãos começou a folhear umas revistas. Foi então que um deles perguntou se queria ver algo mais forte. Conclusão: foram presos e pagaram uma nova multa, pois o algo mais forte era impresso na Dinamarca.

De vez em quando, o mono-

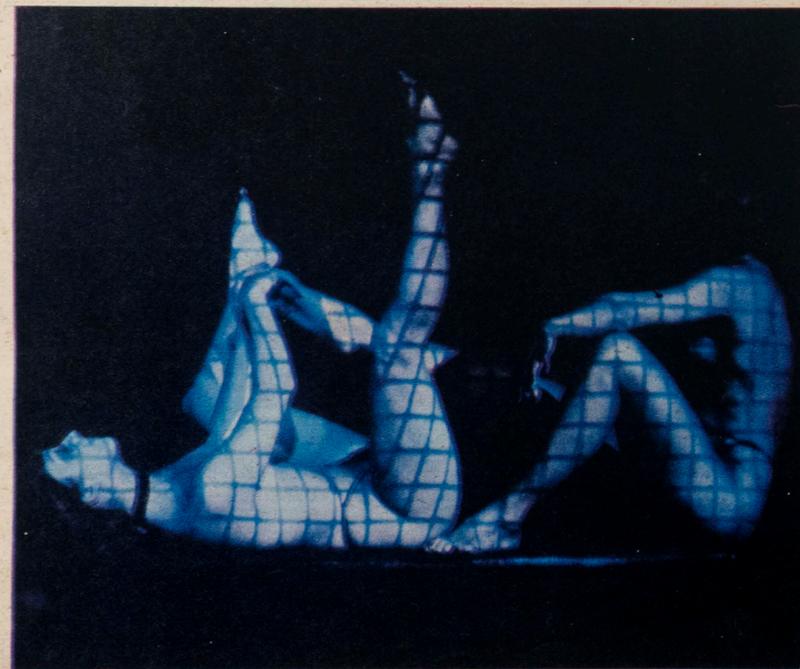
pólio da indústria pornô admite um membro que não é cipriota ou maltês, como no caso de um escocês, ex-lutador de boxe, que revendia, em pequena escala, o material. E vendia a um preço bem mais alto do que o estabelecido. O ex-pugilista não acreditava que Harry Carpos fosse o tal de Big Jeff. Para ele, Big Jeff não passava de lenda, uma criação dos homens do contrabando. Divertia-se muito quando se divulgavam as prisões de elementos que seriam os braços-direitos de Jeff. Um deles foi Stuart Crispie, próspero contrabandista.

Da Inglaterra, cada vez mais livre do passado e onde o puritanismo ficou relegado a Hyde Park, para os turistas, voamos para a França: Paris, Montmartre, Boul'Mich'.

SEXO CONTRA A LEI NA GRANDE GUERRA SEM BANDEIRA



O **TURISTA** malicioso, mas inexperiente em termos de Dinamarca, que chega a Copenhague, perde-se numa verdadeira selva de apelos e apelações de caráter pornográfico: Porno Show, Live Show Porno, Sex, Special Film, Porno Film, Color Orgy, Teenager Erotics, Color Climax, Animal Love, Baby Love, Private Club, Porno Shop. Tantas são as dicas que ele tem que se guiar pelo Sexionary (Sexionário?) que encontrou na mesinha de cabeceira do hotel, ao lado da Bíblia. A economia dinamarquesa deu um pulo com essa transformação do erotismo em business. Às custas de países talvez mais puritanos: a Inglaterra é nacionalista em matéria de erotismo; a Alemanha só o liberou num bairro de Hamburgo; e a França continua filosofando em torno de erotismo versus pornografia.



LONDRES E PARIS

O inglês é contra o erotismo de importação. Negócios... Mas é pela arte erótica. Na França, procura-se distinguir entre erotismo e pornografia.

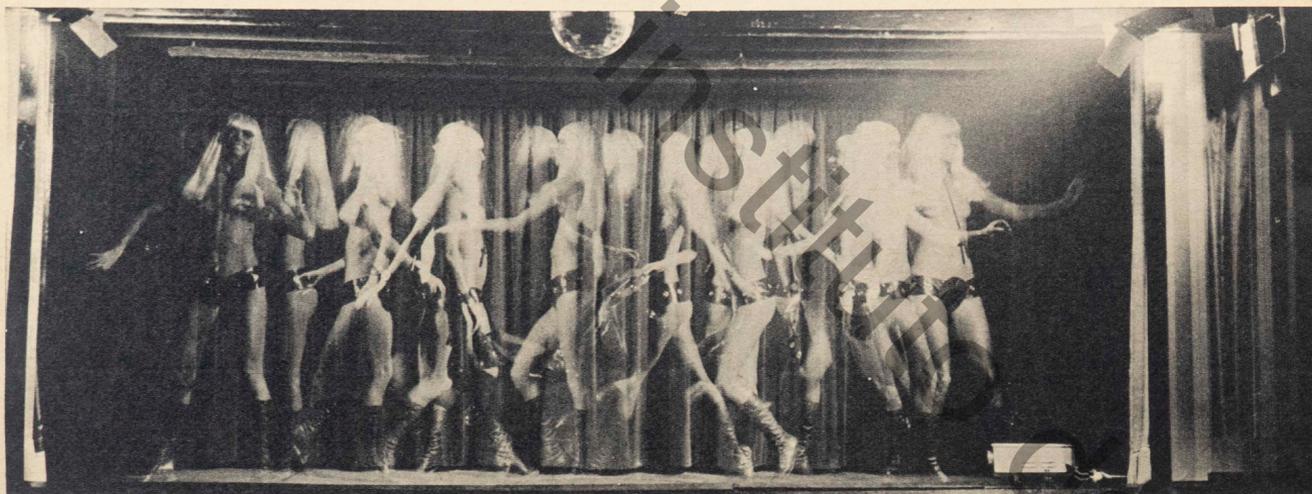


HAMBURGO, UM OÁSIS

O alemão é muito organizado, em tudo. Quando ele quer erotismo é só tomar o caminho de Hamburgo. Ali, no bairro de St. Pauli, a pornô é livre.



PARIS
PERDEU O POSTO DE
CAPITAL ERÓTICA



RESISTÊNCIA E COLABORACIONISMO RENASCEM NA NOVA GUERRA

Até pouco tempo atrás, quem quisesse desenhar o mapa da Europa erótica e pornográfica, tolerante e indulgente com as fraquezas da carne, teria que começar pela França. Hoje, seu papel no campo do erotismo tornou-se secundário. Mas, como na Segunda Guerra, nesta Terceira Guerra — a do Sexo — há grande resistência à invasão que vem sobretudo da Dinamarca, mas também grande dose de colaboracionismo.

Entre os resistentes, os novos *partisans*, estão a Brigada de Costumes, a mais ativa divisão da polícia francesa, e a Frente Antipornográfica, formada por associações religiosas, ligas de bons costumes e o Exército da Salvação, todos exortando a população a resistir à invasão viking.

Por incrível que pareça, até o Crazy Horse banuiu a pornografia e está na vanguarda da resistência: por motivos de bom gosto — é a explicação.

Os colaboracionistas são os proprietários de *sex shops*, criadas na França no ano passado, os editores de livros eróticos e as poderosas organizações do mercado clandestino. E, por trás de tudo, "a irresistível vontade popular".

No 17^o Arrondissement, o submundo estabeleceu o seu quartel-general. Algum tempo atrás, eram os árabes residentes em Paris os detentores do mercado clandestino da pornografia. Podiam ser en-

contrados na Place Pigalle, nas portas dos locais de *strip tease*. Eram pobres vendedores, tolerados pela polícia mais por motivos folclórico-turísticos. Mas as coisas mudaram depois que os franco-argelinos voltaram, aos milhões, para a mãe-pátria, e os grandes homens de negócio descobriram que a pornô também podia ser *business*. Muitos emigrados da Argélia trocaram suas vinhas e negócios abandonados pela exploração do erotismo. Mas a luta desses novos senhores do mercado é tão grande entre si quanto entre a resistência e o colaboracionismo.

ARTE E EROTISMO

Na Rua St. Denis, onde se encontram algumas das mais afamadas e frequentadas *sex shops* de Paris, também existem as oficinas da casa editora de Jérôme Martineau, célebre editor de livros eróticos. É um homem baixo e gordo, com ar alegre e duas grandes suíças à Sherlock Holmes. "Eu — disse Jérôme — sou o primeiro dos editores perseguido pelas leis por atentado à moral. Sou o primeiro e disso me orgulho, porque a moral de que tanto se fala merecia, na verdade, ser condenada à morte. É a moral dos hipócritas, é a moral da sociedade regressiva. Se pelo menos essa sociedade oferecesse livros mais

divertidos que os livros eróticos e pornográficos... Quem consegue mais ler um livro que apaixone ou divirta? Essa sociedade só consegue produzir aborrecimentos. Espero que um dia rebente e se afogue numa onda pornográfica superior àquela que inundou a Dinamarca."

Nas oficinas Martineau há um italiano. Seu nome é Staletti e é o agente literário. É exilado. A Itália não pode regressar, porque ali o espera uma ordem de captura. Em outubro passado, a polícia irrompeu pelas suas oficinas de Milão, encontrando quinze cópias de um livro de fotografias intitulado *Moving Lovers*. Foram apreendidas, bem como outros livros para rapazes. "Como eu não estava presente — disse Staletti — levaram meu filho, um jovem de 19 anos, que mantiveram preso durante vinte e seis dias."

Staletti tem o jeito e os modos de um homem que ainda não se recompôs de um grande golpe sofrido inesperadamente. "Olhe — continuou ele, abrindo o livro incriminado — parece-lhe uma publicação obscena?" São as fotos de um longo abraço entre dois amantes mas, diante do que se vê na Alemanha e na Dinamarca, o livro parece para crianças. O mal de tudo isso é confundir erotismo com pornografia. Essas são fotografias que não fazem mal a ninguém

e que suscita somente sensações delicadas.

DESVENTURA DE UM EDITOR

Staletti fecha com amargura o livro que lhe ocasionou tantos transtornos. Não sabe ainda se seu caso poderá ser resolvido logo ou se deverá ficar ainda muito tempo na França. De qualquer maneira, a sua atividade continua. Staletti, além de agente literário é também o administrador de Emmanuelle Arsan, autora euro-asiática de um *bestseller* erótico *Leçon de l'Homme*, traduzido na Itália com o título de *Emmanuelle*. Staletti explica que Arsan (cujo verdadeiro nome é Maryat Rollet Andriane) foi vítima de uma fraude.

Ela escreveu dois livros: *Leçon de l'Homme* e *L'Anti-vierge*. Na Itália houve cinco edições de *Emmanuelle* intituladas: *O Terceiro Livro de Emmanuelle*, *O Quarto* e *O Quinto Livro de Emmanuelle*, que Arsan não escreveu. Quem os escreveu então? Staletti explica como se passaram as coisas. Na Itália, os dois primeiros livros de Arsan (autênticos) foram vendidos a um editor e apreendidos logo após sua publicação. O editor deverá responder ante um tribunal de Turim. É do conhe-

Na terra do canca
a Terceira Guerra
esquentou. Montmartre é
ainda a cidade
livre do sexo.



cimento de todos que um livro apreendido perde todos os direitos. Um editor pirata pensou então em se apoderar dos dois primeiros livros de Arsan, imprimi-los por sua conta e colocá-los, de novo, no mercado. A rigor, as novas edições assim publicadas deveriam ser também apreendidas, mas parece que isso não aconteceu, pois os livros circulam livremente pelas livrarias e outros lugares.

Em vista do sucesso do editor pirata, outros editores tiveram uma idéia ainda melhor. Pagaram a escritores fantasmas, encarregando-os de continuarem as aventuras de Emmanuelle através do mundo.

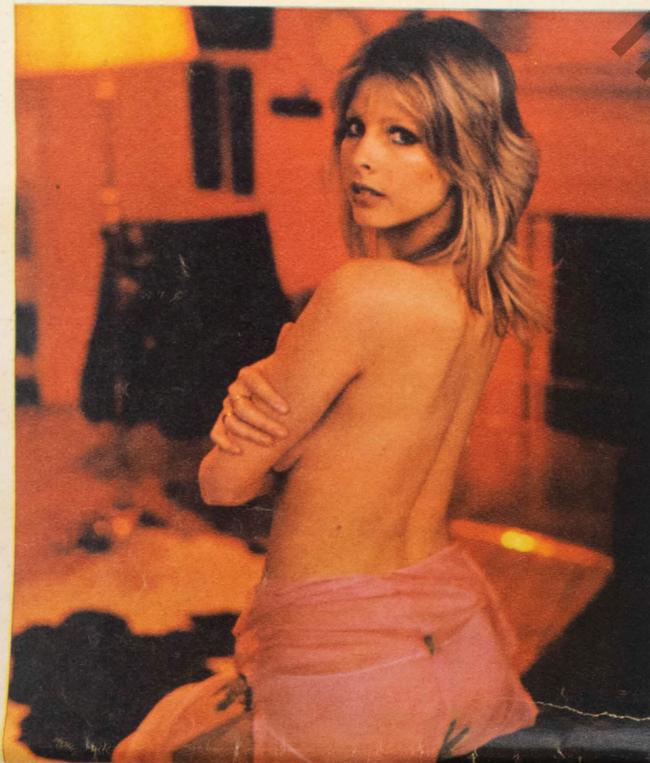
Assim começou a invasão dos livros de Emmanuelle. Quem sabe por quanto tempo ainda. Martineau, desiludido, faz um gesto com a cabeça, como quem diz: assim vai o mundo para nós, pornográficos enganados. "A mim — acrescenta — apenas me apreenderam um livro *Le Château de Cene* que, aliás, é uma obra-prima. Quem o escreveu foi Urbain d'Olhac, de quem ouvirei falar certamente. É um grande escritor, tanto que os editores Laffont e Gallimard gostariam de tê-lo, chegando mesmo a declarar que se tivessem tido em mãos o original daquela obra, não teriam hesitado em publicá-la".

O editor oferece-me um exemplar, um livro bem impresso, elegante e com uma bela capa aveludada. O prefácio é de Arsan. "Vou ler durante a viagem de regresso à casa" — disse eu.

Voando para a vizinha Alemanha, preparamo-nos para ver como é esse negócio de Hamburgo, com seu bairro liberado para a pornô. Tínhamos ouvido dizer que a liberdade, ali, é ainda maior do que na Dinamarca.



EM ST.-PAULI, HAMBURGO, TUDO PODE ACONTECER



Hamburgo — Mal chegamos a Hamburgo, procuramos um francês — René Durand — filho de um célebre ator francês, Eugène Durand, e dono de uma grande cadeia de clubes noturnos: Salmbo, Pompadour, Erotic Theatre, onde se faz o espetáculo mais audacioso de toda Alemanha. St.-Pauli é o quarteirão mais movimentado de toda a cidade: local denso de fascínio, com suas casas coladas umas às outras, suas ruelas misteriosas, seus vagabundos, suas prostitutas expostas em janelas, sua atmosfera de pecado e de cilada.

René Durand deu ao local uma nota sofisticada. Seus estabelecimentos não são apenas night-clubs, teatros ou simples casas de prazer. Pode-se encontrar nelas o espírito dos tempos modernos: zona franca, onde os valores tradicionais sucumbiram, o bom tornou-se mau. Vamos encontrá-lo em um escritório que fica num conjunto de casas próximas a Salmbo e que se liga a outro conjunto de casas, todas ocupadas por clubes noturnos. Julgando-se pelos gemidos, que dão um toque musical à rua, poderíamos imaginar que, naquele momento, estavam acontecendo milhares de orgasmos coletivos.

Conversamos com René Durand sobre os contrabandistas e ele foi original: "Prefiro chamá-los de heróis, profetas de um mundo novo, mártires, cavalheiros da liberdade, e não exploradores. Tenho a maior estima e respeito por eles. E os protejo sempre que posso. Para mim, são companheiros de luta de Freud e Wilhelm Reich. Uma espécie de combatentes de primeira linha, bravos e obscuros. Mas não faço o comércio de materiais pornográficos. Meu metiê é outro, embora se possa encontrar em meus espetáculos o que de melhor há em pornografia. Por-

que? Porque ao sexo foi negada uma evolução. Sua sobrevivência se deu através de uma evolução fragmentária e clandestina. A sociedade o reprimiu, mutilou, castrou; pois a sociedade tem inveja da felicidade individual. Ora, num mundo reprimido, os comerciantes do sexo são instrumentos potenciais de libertação, como o são as tropas lançadas em pára-queidas sobre os países ocupados. Meus companheiros que, como eu, continuam a produzir o erotismo em teatro, cinema, na literatura, dentro da sociedade opressora em que vivemos, têm função semelhante aos membros da resistência nos países europeus ocupados durante a segunda guerra. Resistimos a

uma opressão. Claro que muitos o fazem por dinheiro, mas em toda a guerra de libertação há idealistas e mercenários.

O OÁSIS DE ST.-PAULI

Entramos numa sala muito escura. Muita gente assistia ao espetáculo, homens e mulheres. Entre eles estaria Wolfie, o contrabandista de material pornográfico, que eu queria encontrar. O italiano nosso amigo deixou-nos e saiu em busca do contrabandista. Eu o segui com os olhos por alguns instantes, até que foi engoilo pela escuridão. Enquanto esperava por sua volta, resolvi apreciar o espetáculo, cujo significado não foi difícil de ser descoberto. Tratava-se de um sonho erótico, em cores, produzido por maconha. Uma moça sonhava com outra moça, em cenas de grande erotismo. Eram duas as intérpretes femininas e uma série de objetos inanimados: os principais atores do sonho.

Perguntei a Durand como havia lugar para contrabando pornô, na Alemanha, quando

eram encenados espetáculos como aqueles. "Trata-se de uma das contradições deste país" — foi a resposta. "Os shows que são tolerados em St.-Pauli são proibidos nas outras partes de Hamburgo. Mas a necessidade da libertação do sexo, que atingiu o mundo inteiro e a Alemanha em particular, está exercendo pressões fortíssimas que não poderão ser controladas. Muito em breve, teremos vencido a última resistência. Hoje mesmo, o Parlamento alemão discute a abolição de toda e qualquer censura. Já houve um projeto de lei, apresentado há algum tempo, e deverá haver outro, em breve. Tudo é uma questão de tempo." Argumentei com Durand que a legalização da pornografia seria o fim para seus amigos contrabandistas do sexo: os combatentes idealistas ou mercenários, que perderiam seu sustento. Durand riu e continuou: "Sempre sobrarão outros países, onde poderão continuar nossa luta: Itália, França, Inglaterra, Espanha, América do Norte e do Sul, África.

UM ESTRANHO METIÊ

Um dia depois, voltamos a St.-Pauli. A rua que, no dia anterior, fervilhava de gente, estava quase deserta. A população local é noturna, de dia as pessoas apenas passam pela rua. Uma população provisória. Voltamos a St.-Pauli porque precisávamos falar com um italiano que trabalha num clube fazendo sexo. Seu local de trabalho era o Pompadour (propriedade de Durand), onde fazia amor quatro vezes por dia, quase sempre com a mesma moça e, naturalmente, em público. No momento, gozava férias, aliás bem merecidas. Em sua casa fomos recebidos pelo irmão. "Franco está dormindo" — disse — "se quiserem vê-lo, ele estará às nove no Pompadour."

Lá estava Franco na penumbra da sala. Aceitou ser entrevistado, mas não deixou que o fotografássemos. Disse que não estava em sua melhor forma física. E isso não se devia ao excesso de atividade sexual, mas sim a um amor frustrado. Franco se enamorara de

sua companheira de show. Mas ela não queria saber dele, só do dinheiro. Franco confessou: "Não é uma mulher muito séria. Eu deveria ter-me afastado. Vocês já a viram? É Boby, a moça que faz o papel de Susan Atkins, no número do Charlie Manson. Melhor seria não tê-la encontrado: quando soube que eu estava apaixonado, não quis mais fazer amor comigo. Agora, tenho outra partner, a moça com quem trabalharei esta noite. Eu estava de repouso, mas precisaram de cinquenta e eu fui obrigado a trabalhar."

A noite encontramos com Wolfie, o contrabandista. Mas antes de encontrá-lo fomos visitar Beate Uhse, a rainha do sexo legalmente reconhecido. E tivemos uma entrevista com Boby, o amor infeliz de Franco. A fábrica de Beate Uhse fica em Flensburg, a uns 70 quilômetros de Hamburgo. Seus artigos são vendidos em toda a Alemanha. Beate é uma prussiana de cinquenta e um anos, ex-capitã da Luftwaffe que se transformou em industrial do sexo. Tem o jeito de uma self-made-woman no estilo das atrizes Joan Crawford, Barbara Stanwyck ou Claudette Colbert. Sua indústria do sexo produz pílulas anticoncepcionais, afrodisíacos, pomadas excitantes, pílulas energéticas. Os nomes dos produtos são um pouco ridículos, mas bastante atraentes: Apollo 2000, Happy End, Lady's Vibrator. Trata-se de um monopólio que fatura bilhões de liras por ano. Seu único rival são os negociantes clandestinos, odiados por Beate Uhse, que os vê quase como hereges.

Ao contrário de Durand, que defende os contrabandistas, a Senhora Uhse acha-os gente perigosa, que deveria ser tirada da jogada. Na verdade, em relação ao movimento do contrabando vindo da Dinamarca, a sua indústria não representa grande coisa. Outra ameaça a seu império seria a libertação repentina da pornografia e a quebra de barreiras alfandegárias entre Alemanha e Dinamarca. Mas ela já tomou suas precauções: comprou, na Dinamarca, 20.000 filmes pornô e 40.000 revistinhas e as guarda, em depósito, até que a censura alemã seja suspensa.



Na Alemanha, a libertação do erotismo e da pornografia está sendo debatida no Parlamento. É esperada para breve. Enquanto isso, os alemães e turistas mais exigentes recorrem à zona franca de Hamburgo: o bairro St.-Pauli.



TAMBÉM NO MURO DE BERLIM
O APELO ERÓTICO
A ALEMANHA SEGUE A DINAMARCA

O símbolo de Beate Uhse é uma flor azul, branca, verde, laranja e vermelha. É a marca de fábrica que vem estampada nas embalagens de seus produtos e nas sacolas plásticas, que são dadas aos fregueses como brindes. Ficamos curiosos de ver o que comprara uma moça de casaco de peles. Com um ar entre o encabulado e divertido, ela nos deixou ver suas compras: um Happy End e um Action Cream for women who adore strong men. Também havia comprado produtos masculinos. Talvez, a moça tentasse melhorar uma relação carente de reparos.

RETRATO DO
CONTRABANDISTA

Wolfie era um homem alto, louro, de corpo atlético. Mãos enormes, rosto de maçãs salientes, e um ar irônico e afável. No Safari, o ponto de encontro, o espetáculo ainda não havia começado, mas o local estava repleto de gente. Conversamos sentados a uma mesa afastada, e ele não perdeu, em momento algum, o seu ar

irônico e cortês. Wolfie nos contou sua história incrível: "Há um ano entrei no negócio da pornografia com minha mulher, que é muito bela, fina e aristocrática e que já fazia a vida antes de termos casado. Depois do casamento, ela continuou em sua atividade, naturalmente com pleno consentimento meu. Como poderia uma mulher com seu físico se dedicar a outra atividade?"

Assim vivemos durante anos, até que tive a idéia de começar com a indústria da pornografia. Porque não produzir, eu mesmo, os filmes e materiais pornográficos, por conta própria?

Não contei nada à minha mulher, porque não me parecia uma boa idéia. Comecei a estudar o mercado, comprei fotos pornográficas, alguns filmes e os estudei. Senti repugnância. Não por preconceitos morais, mas pelo aspecto estético: mulheres gordas, homens cabeludos, fotografados sem o cuidado profissional. Melhor assim, pensei. Com uma atriz como a que eu tinha poderia começar minha produção em alto nível.



Encontrei um jovem, depois um casal. Naturalmente, todos eram esbeltos. E rodei um dos mais belos filmes do mundo, mais belo ainda do que a Mulher do Retrato, que é citado entre profissionais como insuperável. Depois disso, dei um giro pela Europa. Fui a Paris, a Nápoles, a Roma, a Milão, a Londres, entre outros lugares. Entrei em contato com elementos que poderiam ser úteis na criação de uma rede para pesquisa de mercado e procura de clientes. Quando meus funcionários me mandaram o resultado de seus trabalhos, fiz o cálculo. Em poucos meses poderia vender . . . 100.000 cópias do filme para vários países. Tirei cópias e distribuí, primeiro, na Alemanha e, depois, no exterior."

Depois, ele referiu-se, com desprezo, à figura parasitária do sujeito que compra a cópia de um filme e tira dezenas de

milhares de outras cópias, para revender por preços baixíssimos, desequilibrando o mercado. Confessou, por último, que ganha cerca de meio milhão de liras por dia.

Deixamos Hamburgo, de volta à Itália, alegres com a perspectiva de rever uma terra onde o sexo ainda é considerado com naturalidade, e não constitui objeto de indústria nem de comércio internacional e contrabando. Mas tínhamos compreendido o que era a Guerra do Sexo, depois de haveremos percorrido suas principais frentes de batalha.

Estávamos convencidos de que, com a liberação oficial da pornografia, o enjôo de certas práticas e o tédio da encenação terminarão por saciar o público. E todo mundo voltará a encarar as coisas do sexo como coisa natural e espontânea, que não precisa de máquina publicitária nem de espetáculos degradantes.



PALAVRAS CRUZADAS-ESPECIAL

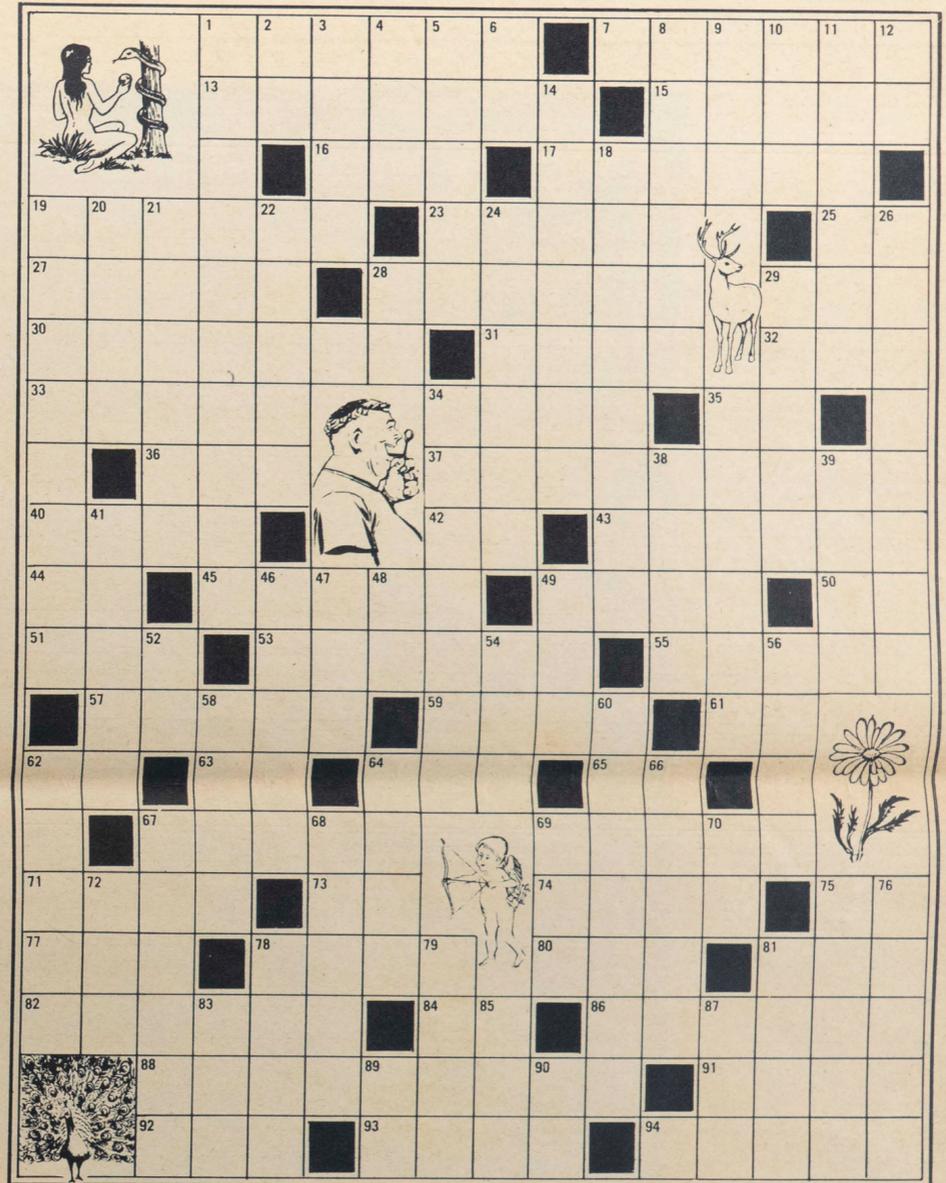
RENATO PORTELLA

HORIZONTAIS:

1. Cuspo.
7. Culpar.
13. Sensual; lascíva.
15. O mesmo que oval.
16. Lugar onde se bebe.
17. O que transforma a energia mecânica em energia elétrica.
19. Sem medo.
23. Muito grande.
25. Região militar.
- 27/28. Nome de uma das revistas pornográficas da Dinamarca.
29. Única.
30. Agourento.
31. Nascido.
32. Relação, lista.
33. Famoso estadista francês.
34. O Souza Campos, que é da sociedade.
35. Símbolo da prata.
36. Medida agrária.
37. Próprio para amar.
40. Portão típico japonês, geralmente colocado à entrada dos templos.
42. Pão-de-...
43. Estrago.
44. Sigla da América Latina.
45. O dia que passou.
49. A cor azul dos brasões.
50. Nome de homem.
51. Monarca.
53. Aéreo.
55. Velha.
57. Serve para espertar o fogo.
59. Ave da família dos psitacídeos.
61. O meio da cena.
62. Mister.
63. Tônia Carrero.
64. Sigla internacional da ONU.
65. Fusão do a e o.
- 67/69. Lugar na Dinamarca onde se pode ver show ao vivo.
71. Acrescentar.
73. Sigla de Rondônia.
74. Não funda.
75. O que se respira.
77. Nevoeiro londrino.
78. Virginal.
80. Verme que aparece nas feridas dos animais.
81. Divisão de uma peça teatral.
- 82/91. Nome de outra revista pornô dinamarquesa.
84. O deus-sol egípcio.
86. Espécie de abelha.
88. País onde a pornografia é livre e dá muito dinheiro.
92. Saudação.
93. Cheiro, fragrância.
94. Ladrão (gíria).

VERTICAIS:

1. O guia turístico sexual da Dinamarca.
2. Atmosfera.
3. Animal carnívoro selvagem.
4. Pedra, em tupi-guarani.
5. Enérgico.
6. Antes de Cristo.
8. Em que há conexão.
9. Fruto da videira.
10. O nosso "Tio" americano.
11. Enfeite.
12. Letra grega.
14. Efeminado.
18. Que não é natural.
19. Acompanhar; ajudar.
20. Gênero de cogumelo.
21. Que tem forma de azeitona.
22. Pequeno carro descoberto, montado nos trilhos das estradas de ferro.
24. Que é menor.
26. Conluio; trama.
28. Forma abreviada do prefixo COM.
29. Ser preciso sem demora.
34. Da Dalmácia.
35. Caixaão fúnebre.
38. Batalha em que Caxias derrotou os paraguaios.
39. Direção oblíqua.
41. Besuntar de óleo.
46. A amada de Kate.
47. Irmão de meu pai.
48. Símbolo do érbio.
49. Quadrúpede ruminante.
52. Ibidem.
54. Dueto.
56. Em que lugar.
58. Comediante.
60. Infecção prevenida por vacina.
62. Bebedeira.
64. Dá no jardim.
66. Atrever-se a.
67. Austera; rigorosa.
68. Pequeno altar.
69. Não cozido.
70. Ama-seca.
72. Rio da Rússia.
75. Atuante.
76. O amado de Julieta.
78. Tecido.
79. Pequena cidade da Romênia.
81. Banco de coral.
83. Dez vezes cem.
85. Armação de óculos.
87. Fileira.
89. Pedra de moinho.
90. Símbolo do crômio.



RESPOSTA DO NÚMERO ANTERIOR

HOR.: balizar, amarra, antes, amir, macrobiótica, mu, rua, airada, Agata, carismática, are, este, Ed, dai, alijar, nascer, laborar, rum, psicose, aló, ita, doar, da, Og, nuca, crespa, mofado, ama, eu, ami, sala, ali, analista, til, dó, IPM, Ali, er, Moreno, água, ré, psicomúsica, lio, estai, ida, bio, fis, psicodrama, ai, atarau, iaca, Aar, so-brar, Heim, al, me, urinar, nau, ao, psicanálise, ubi, rifão, arenal, lombada, VERT.: Barcelona, amuada, liar, ir, amimia, rara, ardil, Moacir, ab, ria, rogar, atar, aca, na, em, superego, cata, itens, ásar, asco, ideo-la, ajuda, escada, teso, amo, Aida, bacana, rir, prol, Teatro, asma, Amalec, uma, cui, pi, fado, oligofrenia, elisio, siri, ipu, alpaca, segura, tosa, Matsumura, trepidar, mudas, NAB, ai, essa, mím, Lot, tico, iara, iaia, dali, abril, iris, ah, oula, anel, aso, ene, rum, oi, Pã, cá, an, BB.

C'est si bon

FASCICULO QUINZENAL - Cr\$ 8,00

3
ENCICLOPEDIA
BLOCH

APRENDA FRANÇÊS

APROVADO PELA DELEGAÇÃO GERAL DA ALIANÇA FRANCESA
instituição mundialmente especializada no ensino do francês moderno

LE PALAIS DE CHAILLOT

FRANÇÊS: O IDIOMA OFICIAL
DE TRINTA E DOIS PAÍSES

**CONTÉM UM DISCO
GRÁTIS**

Contém
um disco
grátis!

SEJA MODERNO

Aprenda Francês em seus momentos de folga, em casa, por apenas Cr\$ 8,00 quinzenais. Essa é a vantagem exclusiva que lhe oferece o curso moderno e rápido da Enciclopédia Bloch, organizado pelos melhores professores do país e aprovado pela Aliança Francesa. Ao comprar cada um dos 16 fascículos quinzenais, ilustrados e coloridos, você ganha GRÁTIS um disco com a gravação das aulas. E, no final do curso, receberá, também, um CERTIFICADO DE ACOMPANHAMENTO. C'est si bon.



A venda nas bancas ou pelo reembolso postal

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____

Via Aérea Estado _____
Porte Simples

BLOCH EDITORES
Rua Frei Caneca, 511 • ZC 14 • Rio de Janeiro • GB

Favor enviar-me pelo Reembolso Postal
O álbum _____
APRENDA FRANÇÊS N.º 1 2 e 3